



## 9º Seminário de Extensão

### AS (IM) POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO DO EU-TU PARA O NÓS - DA IDENTIDADE PRESSUPOSTA À METAMORFOSE

#### Autor(es)

---

SIBERE LOURENÇO

#### Orientador(es)

---

Mariá Aparecida Pelissari

#### 1. Introdução

---

Este trabalho reporta-se ao acompanhamento de um grupo de jovens mães e adolescentes gestantes em situação de abandono, acolhidas por uma instituição espírita, localizada na cidade de Americana – SP.

Sua importância justifica-se na necessidade de refletir sobre as relações institucionais, a pressuposição de papéis e a implicação do psicólogo inserido neste contexto (pesquisa-ação-participante), bem como as dificuldades encontradas nessa prática.

De acordo com Reboredo (1995): Psicólogos que, de alguma forma, buscam contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática, vêm atuando junto aos movimentos populares e sindicais, assim como em instituições que defendem os interesses da população pobre. Estes psicólogos referenciados no materialismo histórico assumem a posição de que a investigação deve constituir-se em práxis, na qual o pesquisador, na relação com o seu objeto de estudo, produz conhecimento na sua área de atuação profissional e tem o compromisso de que este conhecimento retorne a população que o originou (p.14). Para sua fundamentação, buscou-se realizar um levantamento teórico acerca da Teoria da Identidade, Teoria do Cotidiano e Categorias Sartreanas, assim como a pesquisa de outros temas que contribuem para o diagnóstico, análise e intervenção deste campo, tais como a questão do Amor Materno (Mito), a Religião e as Instituições. Ciampa (2002) nos diz: “A identidade é metamorfose. E metamorfose é vida” (p.128).

A Identidade constitui uma das categorias de análise fundamentais para a Psicologia Social estudar o homem. É um processo de metamorfose permanente e compreende uma dimensão temporal que envolve diferentes momentos, a articulação de várias personagens. Torna-se fetiche (sustentando a identidade mito), quando se compõem de uma única personagem, que subsiste independente da atividade que a engendrou.

Os autores se transformam à medida que encarnam e vivenciam essas várias personagens, e essa transformação advém do movimento de morte e vida, em que uma personagem é abandonada e outra surge. Sendo esse movimento o que permite a superação da identidade pressuposta e a concretização da identidade como metamorfose (a condição de ser-para-si) em busca a emancipação (negação da negação).

Na Teoria do Cotidiano, Heller (2004) busca situar o conceito de vida cotidiana no conjunto das relações do

ser humano com a sociedade e afirma, que a vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção (...)" (p.17).

A autora divide a vida social humana em dois grandes âmbitos: vida cotidiana (em si), dirigida pela espontaneidade; e não-cotidiana (para si), que requer intencionalidade.

As atividades cotidianas têm como uma das principais características a heterogeneidade: constituem-se nas múltiplas atividades rotineiras necessárias para a reprodução humana.

Em contrapartida, as atividades não cotidianas são aquelas que servem à reprodução do gênero humano como um todo e, conseqüentemente, servem também à reprodução do homem particular (ciência, a arte, a filosofia, etc). Em outras palavras, se define pela suspensão da particularidade da individualidade, que predomina na vida cotidiana, e pela elevação a genericidade, a elevação ao humano-genérico.

Assim, são raros os casos dos indivíduos que conseguem superar os limites da particularidade (que é um dos pólos constitutivos de sua individualidade) e dirigir suas ações prioritariamente para o humano-genérico (para o outro pólo que constitui a sua individualidade - a genericidade), ou seja, para as atividades que estão diretamente voltadas para a reprodução da sociedade.

Reboredo (1995) discorre sobre Categorias Sartreanas para análise do movimento grupal. Aborda conceitos de série e serialidade (dispersão e solidão dos homens) e a superação da serialidade pela constituição do grupo (grupo em fusão). Analisa o processo de sobrevivência do grupo ou petrificação progressiva do mesmo, através dos conceitos de: juramento, organização, fraternidade-terror e instituição, ressaltando a contribuição de Sartre para a compreensão da vida dos grupos.

Esclarece-nos que o grupo não pode ser pensado como uma totalidade pronta, acabada, e sim como uma totalização em processo. E que a dialética dos grupos será o movimento sempre inacabado, que surge e se mantém através da práxis.

A práxis do grupo é o movimento que se institui na luta contra a serialidade e a alienação. É o processo pelo qual o homem atua com consciência, buscando desalienar-se, realizar-se como homem, modificando-se e modificando o meio. Ao modificar o meio modifica-se também a si mesmo, o que implica em um fazer e um compreender, pois ambos são momentos distintos. Ou seja, é a passagem do homem-serialidade ao homem-grupo.

No que tange ao amor materno, Badinter (1985) aponta de maneira muito clara que não é algo inato, mas um mito concebido socialmente. Desta maneira, sustenta à premissa de que ser mulher e ser mãe são condições impostas pela natureza genética, e através das quais se pode alcançar a identidade feminina.

Maldonado (1989), também apresenta importantes estudos sobre a maternidade. A autora aponta que na vivência da mulher - expressa em seu comportamento no desempenho do papel materno - há um processo de identificação com o modelo de ser mãe, geralmente o mais familiar para cada um de nós. E que durante a gestação, a identidade materna é construída por meio de uma imagem idealizada de si como mãe e, também, do bebê como filho (identidade pressuposta). No entanto, tais atividades podem ser reposições dos papéis socialmente determinados ou manifestações criativas e singulares, diferentes daquelas estabelecidas socialmente.

Outros autores discorrem sobre o papel da religiosidade para o ser humano. Chauí (1997) reporta o aparecimento da religião ao surgimento da vida humana. Argumentando que aquilo que tomamos como "real" nada mais é do que a interpretação do objeto, da apropriação particularizada e subjetivada dos fenômenos presentes no nosso cotidiano. O discurso que proferimos sobre aquilo que gostamos e fazemos expõe com clareza, a relação sujeito mundo, presente na análise e orientação do processo de construção de nossa existência.

Já Trindade (1999) esclarece que há uma íntima relação das instituições religiosas à história do abandono no Brasil e ao assistencialismo filantrópico. Sendo que a Filantropia reporta a caridade, geralmente relacionada às religiões; enquanto o Assistencialismo é a ação de pessoas, organizações governamentais ou entidades da sociedade civil realizada junto às camadas mais pobres da comunidade, (não transformando a realidade social).

Por sua vez, Goffmann (1987) observa a existência de instituições totais na sociedade moderna, que se caracterizam pela restrição ao direito da liberdade e pela sua limitação na relação como o mundo externo. Essas instituições têm como traço a ruptura de aspectos da vida moderna, como a distinção entre o espaço de trabalhar, de dormir e o espaço de lazer, com a presença de diferentes pessoas e diferentes tipos de chefia.

Afirma que uma das principais características das instituições totais é a ausência de diferenciação, e que esse fechamento possibilita o controle do grupo institucionalizado. Pessoas submetem-se às mesmas atividades, nos mesmos espaços, sob a mesma autoridade, mesmo contra os seus desejos. Logo a preocupação dos dirigentes volta-se ao controle e ao esforço de evitar transgressões às normas impostas, preterindo a orientação e a educação.

## **2. Objetivos**

---

Objetivou-se a metamorfose, a práxis grupal enquanto movimento que se institui na luta contra a serialidade e a alienação (Eu-Tu) para o Nós e a elevação do homem particular ao humano-genérico. Para alcançar esse objetivo, propôs-se encontros semanais com jovens mães e adolescentes gestantes, e posteriormente (no segundo semestre), encontros quinzenais com os voluntários da instituição.

## **3. Desenvolvimento**

---

O método utilizado foi embasado no Materialismo Dialético, considerando as três categorias metodológicas essenciais (contradição, totalidade, historicidade). A metodologia para trabalhar os processos grupais supõe instrumentos e ações educativas. Inicialmente, objetiva-se o diagnóstico, as intervenções e as análises realizadas nas práticas. A primeira situação busca a aglutinação, seguida pela elaboração do diagnóstico, que é processual e não isenta da participação do pesquisador (relação sujeito-sujeito e não sujeito-objeto). Seleciona-se uma contradição que será convertida em categoria. O profissional: planeja coleta e registra dados e encontros (diário de campo, cédulas de campo, entrevistas informais, etc) organizando e analisando-os para o diagnóstico, intervêm e analisa novamente (para verificar alteração da realidade).

## **4. Resultados**

---

O grupo foi trabalhado a partir de uma perspectiva educativo-terapêutica, visando à superação da serialidade para a condição de grupo. Foram também consideradas as dimensões: valorativa (significados e sentidos atribuídos aos valores sociais), afetiva (a relação com o outro expressa emoções e afetos) e operativa (habilidades para ações instrumentais dirigidas a um objetivo). Esse grupo chegou a Fusão, os integrantes passaram a diferenciar-se, estabelecendo relações de reciprocidade. Mas não se elevou ao Juramento, que nasce pelo temor da volta a série. Afóra as dificuldades e limitações da estagiaria, constatou-se que a dinâmica da instituição (de entrada / saída constante de internas, restrições de horário, presença de voluntários, etc) interferiu consideravelmente na evolução do movimento grupal.

## **5. Considerações Finais**

---

O exercício de repensar os aspectos que envolvem a construção da identidade é necessário e deve-se dar de uma forma contínua, particularmente junto aos psicólogos sociais. Para a Psicologia Social, a busca de significados e a construção de sentidos que caracterizam a vida cotidiana, devem estar centradas no conteúdo da atividade humana e no processo de representação desses conteúdos, pelo sujeito que realiza a experiência e por aqueles que participam de seu grupo social.

Nesse contexto estudado, sabe-se que a vida institucional é fonte de carências, que colocam em perigo o desenvolvimento e estruturação psíquica do indivíduo, que fica exposto, enquanto interno, à perda repetida de pessoas às quais se afeiçoa e tais mudanças ocorrem sem qualquer explicação. Perde a sua humanidade. Não há lugar para as necessidades individuais, menos ainda para suas demandas.

Nota-se que a preocupação com as jovens mães e adolescentes gestantes abrigadas vai tomando um rumo em que se passa a crer na necessidade de salvação. Soma-se a isso a noção de que são marcadas por seu passado, por sua herança ancestral, pela história de seus pais biológicos, ao mesmo tempo em que são configuradas pela “beatitude da maternidade” como o futuro, a esperança, o amanhã. Assim, o que se nota é que a abrigada e seus filhos são estigmatizados, encarados como pessoas que têm um caminho a percorrer,

mas um caminho já trilhado e definido pela sociedade.

Outro aspecto a ressaltar, é que tão importante quanto construir e manter normas é ter pessoal que possa se envolver emocionalmente com o indivíduo abrigado. Através de um acolhimento mais humanizado, sendo a questão dos modos de trabalhar dos voluntários.

O psicólogo que atua no contexto social sente, de forma muito intensa, a necessidade de integrar a teoria à prática, ou de saber como utilizar os conhecimentos psicológicos adquiridos, no momento em que atua junto ao campo. Por diversas vezes, ao confrontar-se com os diversos cenários e atores, sente-se frustrado, decepcionado, percebendo que toda a ciência que adquiriu (embora primordial), não é o suficiente para atender ao apelo dos indivíduos. A teoria estrutura e norteia a prática, mas o que promove a práxis é a experiência, é o processo pelo qual o homem constantemente busca desalienar-se, modificando-se e modificando o meio.

A estagiaria teve a oportunidade de constatar e experienciar no decorrer desse estágio, as intensas expectativas, que por diversas vezes, encontram-se presentes no contato com prática. Conscientizando-se que por vezes, a contribuição parece restrita e limitada, sem “intensas transformações”; e que mesmo essa pequena e restrita contribuição poderá fazer parte de um todo. Ficou claro que a mudança não é algo acabado, e não ocorre apenas no campo, pode ocorrer em todos os envolvidos (ocorre também no psicólogo), é um constante movimento de morte e vida, repleto de possibilidades e impossibilidades.

Portanto, esse trabalho proporcionou confirmação teórica e o questionamento sobre os paradigmas a respeito da maternidade e das relações institucionais, bem como a necessidade de trabalhos mais efetivos nessa área. Esses aspectos principais fortalecem a necessidade do trabalho em o grupo com as internas (jovens mães, adolescentes gestantes e seus filhos) e com os voluntários. Uma vez que, a não reflexão sobre a prática é mantenedora da mesmice, e conivente com a identidade pressuposta.

## Referências Bibliográficas

---

AMATUZZI, M. M. O Desenvolvimento Religioso: Análise de Depoimentos. Estudos de Psicologia: PUC-Campinas, 2000.

BADINTER, E. Um amor conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CHAUÍ, M. Convite a Filosofia. São Paulo: Ática, 1997.

CIAMPA, A. C. A Estória do Severino e a História da Severina. São Paulo: Brasiliense, 2002.

GOFFMAN, E. Debates Psicologia. Manicômios, prisões e conventos. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

HELLER, A. O Cotidiano e a História. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MALDONADO, M. T. Maternidade e paternidade. Petrópolis: Vozes, 1989.

REBOREDO, L. A. De Eu e Tu a Nós. Piracicaba: Unimep, 1995.

TRINDADE, J.M.B. O abandono de crianças ou a negação do óbvio. Rev. Bras. Hist., Set. 1999, vol.19.